

A visão dos mestres

A revista Impressão Pedagógica convidou dois profissionais que figuram entre os principais pensadores atuais da educação brasileira para uma reflexão sobre o Tema Pedagógico Expoente 2013/2014: Limites – Respeito e Superação. Nesta entrevista exclusiva, **Celso Antunes** e **Júlio Furtado** falam sobre individualismo, indisciplina e relacionamento entre família e escola.

Autor de mais de 180 livros didáticos, especialista em Inteligência e Cognição e mestre em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP), **Celso Antunes** encanta o público de suas palestras pela emoção com que trata de temas educacionais ao longo de mais de 50 anos de carreira. Também é sócio-fundador da instituição Todos pela Educação, que reúne lideranças sociais, representantes da iniciativa privada e educadores.

Júlio Furtado é mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em Programação Neurolinguística, diplomado em Psicopedagogia e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana, em Cuba. Ministra palestras e participa de congressos educacionais em todo o país, abordando, principalmente, temas como aprendizagem significativa, avaliação, liderança e gestão escolar. É reitor da Uniabeu, em Belford Roxo (RJ).

Impressão Pedagógica – Em 2013, o tema pedagógico desenvolvido para as escolas conveniadas ao Expoente é Limites – Respeito e Superação. Qual sua visão sobre a importância de debatermos esse assunto?

Celso Antunes – É um tema que me encanta e que suponho imprescindível a qualquer escola do país. Atualmente, a quase obsessão por conteúdos conceituais está afastando a escola de seu papel também formativo. É indiscutível que passar conteúdos é essencial e que promover aprendizagem significativa é tarefa imprescindível. Trabalhar respeito e superação significa ir muito além de conteúdos e restaurar na escola seu insuperável papel formativo.

Júlio Furtado – A discussão do tema é fundamental para que os educadores fortaleçam suas posições e construam novas estratégias para um resgate necessário desse tripé (limites, respeito e superação), essencial a uma aprendizagem significativa. Digo resgate porque é necessário que a escola reconstrua as relações com os alunos e com a família de maneira que os limites e o respeito possam ser inegociavelmente reestabelecidos. Dentro desse processo, é fundamental que



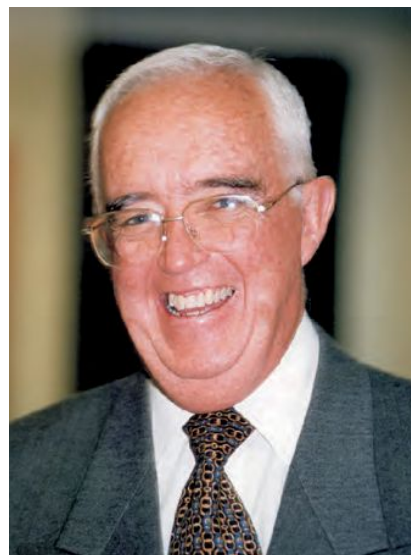
Júlio Furtado

sejam resgatadas as regras morais como essenciais a uma relação produtiva entre ensino e aprendizagem.

IP – Uma queixa comum é sobre crianças e jovens que se transformam em pequenos tiranos, sem “limites”, que não sabem ouvir não, dividir ou conviver. Onde estamos errando?

CA – A triste herança desse erro começou a se intensificar a partir dos anos 1970/1980, quando se popularizaram no Brasil interpretações incorretas de alguns postulados psicológicos que confundiam ternura e afeto com permissividade. Os efeitos desse erro se tornaram intensos e pais e professores ainda confundem uma boa e essencial educação com o temor de se colocar limites, ensinar regras e mostrar que não existe afeto maior que preparar uma criança para os desafios da vida.

JF – Uma das principais consequências da reconfiguração das relações educativas é o fato de vivermos hoje em uma sociedade com baixíssimo índice de maturidade emocional e com elevado índice de carência afetiva. Nessa sociedade, passa a ser frequente o pavor de não ser amado e surge a dificuldade de se olhar a criança e o jovem com olhos de educador, ou seja, com olhos de quem já superou todos os conflitos típicos dessas fases do desenvolvimento humano. Aliado a tudo isso, a crise de valores que assola nosso mundo em transição nos impede de ter certeza quanto à atitude certa a tomar. Somos reféns da dúvida, da culpa e do sofrimento que ambas acarretam. Nossos filhos e alunos já perceberam, e por isso se armam de “certezas circunstanciais” para atingir a nossa já frágil convicção de educar. “Você está sendo injusto!”, “Mas você dorme tarde sempre que quer!”, “Professora, você é a única que não deixa!”, “Pai, você bebe cerveja, por que eu não posso?”. Lançam ataques cruéis a nossa geração de adultos portadores de uma consciência confusa e culpada que,

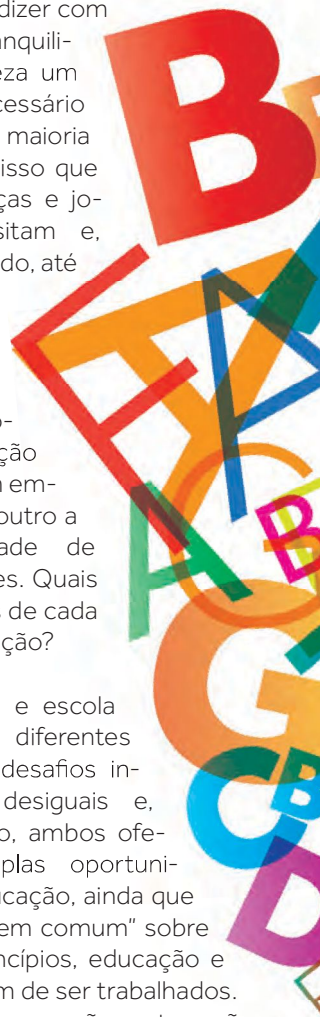


Celso Antunes

muitas vezes, nos aniquilam e nos impedem de dizer com carinho, tranquilidade e firmeza um sonoro e necessário NÃO. E, na maioria das vezes, é isso que nossas crianças e jovens necessitam e, bem lá no fundo, até desejam.

IP – Pais e escolas vivem um período de indefinição de papéis, um empurra para o outro a responsabilidade de ensinar valores. Quais são os papéis de cada um nessa relação?

CA – Família e escola são espaços diferentes e propiciam desafios interpessoais desiguais e, nesse sentido, ambos oferecem múltiplas oportunidades de educação, ainda que uma “linguagem comum” sobre posturas, princípios, educação e limites tenham de ser trabalhados. A criança pequena não mata e não rouba e se esses problemas



"Trabalhar respeito e superação significa ir muito além de conteúdos e restaurar na escola seu insuperável papel formativo."

Celso Antunes

acontecem na adolescência é porque se percebem erros imensos no trajeto educativo.

JF – Tanto escola quanto família tem responsabilidade de ensinar valores, cada uma em seu respectivo contexto. Essa transferência recíproca resulta da dificuldade de ambas em assumir o que lhes cabe. Em um de meus livros, utilizo uma tirinha de um menino que chega em casa e entrega à mãe um bilhete da professora que contava que ele não havia feito a atividade de aula e pedia que a mãe tomasse uma providência. A mãe envia para a professora outro bilhete, dizendo que o menino não quis tomar banho no dia anterior e pedia, igualmente, que a professora tomasse uma providência. Essa historinha resume o impasse da confusão de papéis e aponta, ao mesmo tempo, para a solução.

IP – Muitos professores trabalham amedrontados ou desestimulados pela indisciplina, violência e a falta de respeito em sala de aula. Como mudar essa situação?

CA – A mesma criança que desrespeita o pai ou a mãe e que não atende a professora, quando pratica um esporte coletivo compreende suas regras e a elas se submete, pois delas depende o entusiasmo do jogo.

Se a criança aprende a jogar, e gosta de jogar, é porque sabe internalizar regras, e se elas passam a existir na sala de aula, a relação interpessoal se estabelece. Educar é ensinar a viver, e a vida em sociedade se normaliza por regras de respeito e de solidariedade. O amor entre duas pessoas não exclui as regras de respeito mútuo.

JF – Essa resposta não é nada simples em função dos muitos fatores que estão envolvidos. Concentrando-me apenas nos elementos que cabem à escola, eu diria que é essencial que se façam algumas distinções para se enfrentar o problema. A primeira delas é entre incivildades e indisciplina. Incivildades se referem a condutas que se contrapõem às regras da boa convivência como, por exemplo, grosserias, desordens, ofensas verbais e o que se denomina, sem muita precisão conceitual, "falta de respeito". As incivildades são rupturas das regras e expectativas tácitas de convivência dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido, muitas vezes, supõe-se que seja de domínio público desde a infância. A queixa comum entre muitos professores sobre alunos que vêm à escola "sem limites" poderia ser traduzida como uma queixa sobre a ausência de padrões culturais básicos de civilidade, que a família não conseguiu desenvolver. A indisciplina é a ruptura de acordos tácitos ou não entre a expectativa da escola e o comportamento do aluno. Facilita bastante se a escola, compreendendo essa diferença, discutir, clarear e construir coletivamente esses "contratos". Outra diferença útil para a escola é entre regras morais, que dizem respeito às condutas, e regras convencionais, que dizem respeito aos pro-

cedimentos. Diferenciá-las ajuda a escola a não dar a mesma importância à cor de uma meia e a uma ofensa desrespeitosa.

IP – Em uma sociedade baseada no individualismo, como abrir os olhos dos alunos para o limite do outro?

CA – O individualismo não é bagagem hereditária. Nenhuma criança cresce individualista. Essa tendência se consolida ao longo do processo educativo, muitas vezes, pela ausência de coerência em se mostrar que todo afeto implica reciprocidade, que toda amizade pressupõe respeito e que esse se fundamenta em superações. Sem superação não se vence o egoísmo e sem respeito não se constroem amizades.

JF – A escola deve promover atividades que levem o aluno a se colocar no lugar do outro. Participei de uma dessas atividades em que adolescentes usavam lentes embaçadas, pesos de dois quilos em cada perna e um quilo em cada braço para sentirem, aproximadamente, o que sentem as pessoas idosas ao caminhar. Da mesma forma, podemos desenvolver atividades vivenciais que contribuam para a tomada de consciência do limite do outro em sala de aula, somando-se a isso a discussão e o estabelecimento de regras claras e bem aplicadas.

